APRESENTAÇÃO

O segundo semestre de 2008 vem sendo marcado por comemorações relacionadas aos 35 anos do Curso de História e aos 25 anos do Centro de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados. Este volume da revista *Fronteiras* também está inserido no rol de ações comemorativas, por isso, oportuno e significativo é o artigo do professor Antonio Lachi que nos brinda com a memória do curso, narrando os fatos que marcaram a sua criação, na cidade de Dourados, naquele momento pertencente ao Estado de Mato Grosso, antes da divisão. A imagem da capa encontrada neste número nos remete justamente à construção do primeiro prédio do antigo Centro Universitário de Dourados (atualmente ocupado pela Reitoria da recém-criada Universidade Federal da Grande Dourados), onde funcionava o curso de História.

Tendo como espaço de análise também Mato Grosso, mas na época da Província (período imperial), e em outra perspectiva, Ernesto Cerveira de Sena discute como essa região considerada periférica, mas essencial na construção e manutenção do país, esteve ligada à Corte do Império do Brasil. Para tanto, a partir de uma discussão interessante e muito recente no âmbito da historiografia regional mato-grossense e releitura de fontes documentais, analisa a concessão de mercês, o trabalho filantrópico e o serviço no Estado como elementos que poderiam mostrar a adesão aos propósitos integradores do Império.

Distanciando um pouco mais no tempo e espaço, Roberto Guedes Ferreira baseado em ampla pesquisa bibliográfica e análise documental, a partir de uma abordagem comparada, examina a mobilidade social dos egressos dos cativeiros em duas sociedades escravistas, isto é: Porto Feliz (São Paulo), no século XIX, e em São Domingos (Torbee), em fins do século XVIII. Em artigo primoroso, Roberto Guedes evidencia como a ascensão social provocava a mudança de cor e a (re) aproximação do cativeiro ao rebaixamento social manifestado também na cor.

Em outra perspectiva, Adriana Aparecido Pinto discute como fontes documentais relativas à imprensa educacional paulista, em especial, revistas de ensino como *A Eschola Publica* por ela bem analisada no artigo, são excelentes para desenvolvimento de pesquisa em História da Educação.

Caminhando no delicado campo da Memória, Tradição e História, Walter Marschner nos presenteia ao analisar a Revolta dos Colonos, ocor-

rida no sudoeste do Paraná em 1957. O autor demonstra como a memória social permite a identidade camponesa se recriar no tempo e no espaço, formulando um projeto de desenvolvimento de relativa autonomia dentro das relações do capitalismo globalizado.

Nesse contexto da globalização, Héctor Guerra Hernández nos leva até Moçambique, na África, por meio de seu instigante artigo em que analisa o caso dos Magermanes - moçambicanos que trabalharam na extinta República Democrática Alemã. Estes ao retornarem ao seu país acreditavam estar ricos, devido à transferência de parte de seus salários obtidos na Alemanha para o país de origem. Assim, o autor busca explorar os sentidos do dinheiro no interior da história de um grupo social específico.

Em artigo que privilegia uma discussão sobre a internacionalização do setor fumageiro no interior do Estado do Rio Grande do Sul (notadamente a cidade de Santa Cruz do Sul), Andrius Estevam Noronha nos oferece uma pertinente interpretação das posturas e das atitudes de personalidades que representam a elite política da cidade mencionada, especialmente aquelas que ocupam espaços estratégicos em instituições importantes como a Associação Comercial e Industrial de Santa Cruz do Sul.

Numa discussão sobre o Partido Republicano Rio-Grandense, Rafael Augustus Sega nos apresenta uma instigante avaliação da trajetória política de Getúlio Vargas, a partir justamente de sua aproximação com personalidades marcantes do universo político circunscrito aos ideais do Partido Republicano. Seu recorte é o período que vai de 1903 a 1929.

Por sua vez, Álvaro de Souza Gomes Neto articula um debate que estabelece paralelos comparativos entre os governos de Getúlio Vargas e Juan Domingos Perón. Para tanto, o autor nos convida a refletir acerca das semelhanças entre o Brasil e a Argentina, sobretudo ao nos remeter às décadas de 1940 e 1950, período marcadamente decisivo para a implementação de um projeto desenvolvimentista a ser executado nos países vizinhos da América do Sul.

Enveredando por uma abordagem que privilegia os eventos políticos da região rio-platense no século XIX, Luiz Felipe Viel Moreira e Marcela Cristina Quinteros apresentam o botânico francês Aimé Bonpland. Em sua narrativa, os autores têm a perspectiva de que o viajante francês não retorna ao seu país de origem, optando por permanecer no continente americano, motivado por uma idéia de aí construir uma América revolucionária.

Ainda considerando espaços limítrofes com o Brasil, o artigo de Fabiana Pinto Pires chama a atenção para a compreensão das relações estabelecidas entre a atuação jesuítica e os indígenas na Província do Paraguai. O século XVII é o período em que a autora opta para alinhavar sua abordagem. Verifica-se, em seu texto, a importância da pesquisa documental como elemento que oferece importante suporte empírico para um debate que analisa, de um lado, as práticas religiosas indígenas, e, de outro, a intenção de suprimi-las por parte dos jesuítas.

Os fenômenos migratórios, reiteradamente, têm sido objeto de atenção de pesquisadores filiados às diferentes áreas do conhecimento, em particular da História, da Sociologia e da Psicologia. Com esta preocupação, as sociólogas Sueli Siqueira e Aparecida Amorim, bem como o psicólogo Carlos Alberto Dias apresentam um texto bastante revelador quanto às perspectivas de sociabilidade dos emigrantes valadarenses, tendo-se a religião (sobretudo as igrejas protestantes) como instrumento de sociabilidade entre as famílias dos emigrantes da região do Vale do Rio Doce, notadamente da cidade de Governador Valadares.

Por fim, trazemos ao público o texto de Graciela Chamorro. A autora nos remete à compreensão da História do Corpo, privilegiando um diálogo entre a Antropologia, a Teologia e a História. Por meio de um rico debate com autores consagrados como Marcel Mauss, o texto de Graciela Chamorro recupera algumas das interpretações que foram dadas ao percurso das idéias sobre o corpo, tendo comunidades indígenas e os jesuítas como centrais para alinhavar o texto que encerra os artigos que compõem este número de *Fronteiras*.

Agradecemos a todos(as) que contribuíram para que, em cada número de nossa revista, possamos verificar uma ampliação de importante espaço para a consolidação dos debates no âmbito da historiografia. Agradecemos, também, aos(às) editores(as) de *História em Reflexão,* periódico *on-line,* pela parceria que vem sendo estabelecida. Ele conta com a firme organização dos(das) alunos(as) do Programa de Mestrado em História da Universidade Federal da Grande Dourados e se caracteriza pela seriedade com a qual é conduzido, o que pode ser atestado por seu ágil ritmo de circulação das idéias nele publicadas.

Informamos que o próximo número de *Fronteiras* privilegiará textos cuja temática será voltada para a História Indígena. Para tanto, estamos organizando um *dossiê* justamente com esta perspectiva. Estamos convictos de que este será um importante passo para que nossa revista aprofunde

ainda mais os diversos diálogos que visam ao amadurecimento de nossas reflexões. Consideramos que inaugurar esta nova fase a partir das preocupações com a História Indígena, nos encaminhará para novos horizontes.

Boa leitura.

Antônio Dari Ramos
Eliazar João da Silva
Nauk Maria de Jesus
Editores